

Cercada por tantos morros, Vitória tem noite de Natal o ano inteiro. As luzes pequenininhas que iluminam os barracos equilibrados no alto são as bolas da árvore, sem algodão que imita a neve em país tropical. Cintilam azul, prata e dourado. Do avião é a primeira coisa que se vê. A ponte de cimento armado que liga a vila nova à vila velha guarda defronte à janela – tanto faz, à direita de quem vem ou de quem vai – um cenário que é puro bordado. De novo, as lampadinhas. Só vendo! Podem colocar lâmpada incandescente, fluorescente, de mercúrio, néon, lampião, nenhuma ganha da luz da lua. Ela engole tudo. Inva-de terra, mar e teto de edifício. Fogo puro. Homenagem, quem sabe, à coragem do valente Araribóia, que subiu nos penhas-

cos do Rio de Janeiro para afugentar os franceses. Quando tudo parecia perdido, o índio da tribo Temiminó explodiu o paiol de pólvora inimigo usando como única arma um facho aceso que havia levado entre os dentes. O ato foi decisivo na expulsão do chefe Villegagnon. Em se tratando de Maria Ortiz, a penumbra foi decisiva. De que outro modo os holandeses fariam vista grossa às pedras e paus jogados pela heroína ladeira abaixo? A figura mais ilustre do Reino, D. Pedro II, de passagem por aqui em companhia da esposa Dona Teresa Cristina, contentou-se com a luz das estrelas enquanto cruzava, de canoa ou a cavalo, rios, fazendas sem fim, lagoas com patos selvagens, vilas cercadas de verde. Como se não bastasse, Vitória é cidade sol.